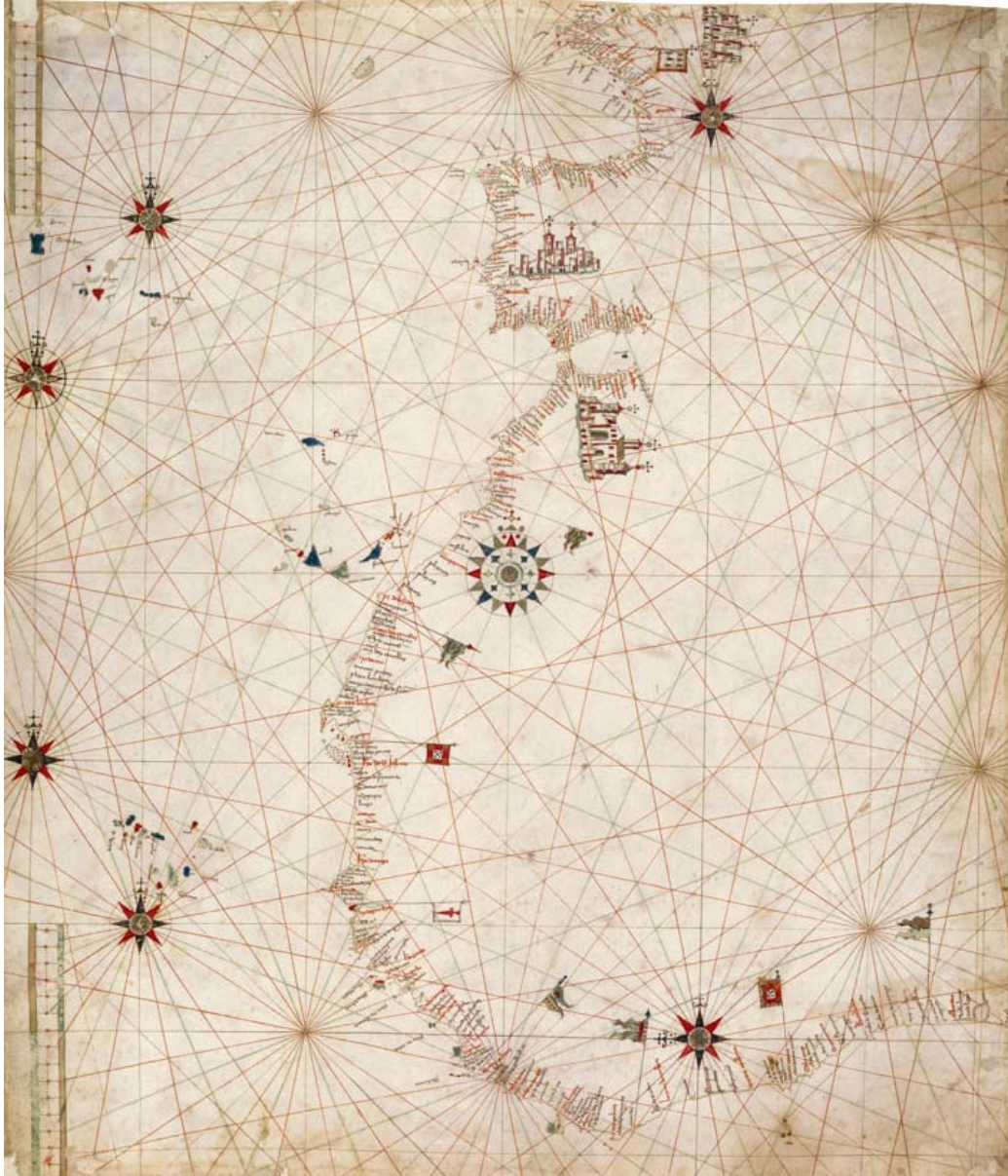


CENTRO INTERUNIVERSITÁRIO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA TECNOLOGIA

**ESTUDO DA CARTOGRAFIA PORTUGUESA ANTIGA
DIAGNÓSTICO E PERSPECTIVAS FUTURAS**

I WORKSHOP NACIONAL



Anónimo português, ca. 1471 (Biblioteca Estense Universitaria, Modena)

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
CAMPO GRANDE, 83
LISBOA, 25 – 26 MARÇO 2011

Organização:

Joaquim Alves Gaspar (CIUHCT) | jfgaspar@fc.ul.pt

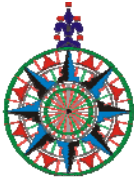
Henrique Leitão (CIUHCT) | henrique.leitao@gmail.com



ESTUDO DA CARTOGRAFIA PORTUGUESA ANTIGA

DIAGNÓSTICO E PERSPECTIVAS FUTURAS

I WORKSHOP NACIONAL



O *workshop* **Estudo da Cartografia Portuguesa Antiga: Diagnóstico e Perspectivas Futuras** é uma iniciativa do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT), da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em parceria com a Biblioteca Nacional de Portugal. O seu propósito é reunir as pessoas actualmente envolvidas na História da Cartografia e da Ciência Náutica, e fazer um ponto da situação relativamente ao estudo da cartografia portuguesa antiga, identificando as linhas de investigação em curso e reflectindo sobre as perspectivas futuras.

Esta iniciativa integra-se num projecto de investigação iniciado recentemente pelo CIUHCT, cujos objectivos principais são: proceder a uma análise geométrica sistemática das cartas portuguesas antigas e da cartografia europeia com elas relacionada; e construir um sistema de informação, aberto aos investigadores e ao público, contendo cópias digitais e informação geral sobre as cartas. Pretende-se, assim, retomar e alargar o âmbito do trabalho iniciado por Armando Cortesão e Teixeira da Mota, em 1960, com a publicação dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*.

O *workshop* inicia-se com uma conferência inaugural sobre a Historiografia da Cartografia Portuguesa, proferida pelo Dr. Inácio Guerreiro, a que se seguem dezasseis comunicações, proferidas por investigadores afiliados nas seguintes instituições: Birkbeck College, University of London (BUL); Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa (CEG); Centro de História, Universidade de Lisboa (CH); Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa (CHAM); Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Universidade de Lisboa (CIUHCT); Escola Naval (EN); Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT); Museu Nacional do Azulejo; e Universidad Autónoma de Madrid (UAM).

PROGRAMA

Sexta-feira, 25 de Março

Sessão 1 (0945 – 1115)

Mesa: Henrique Leitão

0945 – 1000 **Abertura**

Henrique Leitão, Joaquim Alves Gaspar (CIUHCT)

1000 – 1045 **Conferência inaugural**

Inácio Guerreiro (IICT)

Acerca da Historiografia da Cartografia Portuguesa Antiga (1841-2010)

1045 – 1115 Maria Fernanda Alegria (CEG)

A História da Cartografia no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, 2000-2010

1115 – 1145 Pausa para café

Sessão 2 (1145 – 1315)

Mesa: Inácio Guerreiro

1145 – 1215 André Ferrand de Almeida (CEG)

Maria Joaquina Feijão (BNP)

A Coleção de atlas antigos da Área de Cartografia da Biblioteca Nacional (séculos XVI a XVIII)

1215 – 1245 João Carlos Garcia (CEG)

A Edição do Atlas Universal de 1571, de Fernão Vaz Dourado

1245 – 1315 Ana Cristina Roque (IICT)

A costa oriental de África na cartografia portuguesa anterior ao século XVIII: conceptualização, representação e identificação de espaços

1315 – 1430 Pausa para almoço

Sessão 3 (1430 – 1600)

Mesa: João Carlos Garcia

1430 – 1500 Angelo Cattaneo (CHAM)

Alexandra Curvelo (CHAM/MNA)

A convergência entre a cartografia ocidental, nambam e chinesa-coreana no Kyūshū (Japão) durante a presença portuguesa

1500 – 1530 Mário Clemente Ferreira (CHAM)

A cartografia setecentista da fronteira de Mato Grosso com a América Espanhola

1530 – 1600 Antonio Sánchez Martínez (UAM)
'Cartografia corsaria' en la crisis hispano-portuguesa de 1640

1600 – 1630 Pausa para café

Sessão 4 (1630 – 1730)

Mesa: Ana Cristina Roque

1630 – 1700 José Manuel Malhão Pereira (CIUHCT)
A cartografia náutica portuguesa: sugestões para o seu estudo futuro

1700 – 1730 Luís Jorge Semedo de Matos (EN)
Roteiros e cartas: instrumentos complementares de estudo

Sábado, 26 de Março

Sessão 5 (0945 – 1115)

Mesa: Francisco Contente Domingues

0945 – 1015 Joaquim Alves Gaspar (CIUHCT)
Uso de métodos quantitativos no estudo de cartas antigas

1015 – 1045 Suzanne Daveau (CEG)
Reflexões a propósito da reconstituição de um mapa corográfico de Portugal do começo de Quinhentos

1045 - 1115 Zoltán Biedermann (BUL)
Da cartografia da Pérsia à metageografia da Ásia: novas oportunidades de trabalho para quem não entende a loxodromia

1115 – 1145 Pausa para café

Sessão 6 (1145 – 1315)

Mesa: Zoltán Biedermann

1145 – 1215 Francisco Contente Domingues (CH)
O descobrimento do Brasil em 1498: a leitura dos documentos escritos através dos mapas

1215 – 1245 António Costa Canas (CIUHCT)
A introdução da projecção de Mercator, na náutica, em Portugal

1245 – 1315 Francisco Roque de Oliveira (CEG)
O estudo dos mapas antigos: entre a razão do texto e razão de Estado

1315 – 1430 Intervalo para almoço

Sessão 7 (1430 – 1600)

Mesa: Joaquim Alves Gaspar

1430 – 1500 Luís Miguel Moreira (CEG)

Cartografia, geografia e poder: as imagens cartográficas de Portugal na segunda metade do século XVIII

1500 – 1530 João Filipe Queiró (DMUC)

Proposta cartográfica de Pedro Nunes em 1566

1530 – 1600 Debate e encerramento

Abreviaturas

BNP: Biblioteca Nacional de Portugal

BUL: Birkbeck College, University of London

CEG: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa

CH: Centro de História, Universidade de Lisboa

CHAM: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa

CIUHCT: Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, Universidade de Lisboa

EN: Escola Naval

IICT: Instituto de Investigação Científica Tropical

MNA: Museu Nacional do Azulejo

UAM: Universidad Autónoma de Madrid

RESUMOS E NOTAS BIOGRÁFICAS

A costa oriental de África na cartografia portuguesa anterior ao século XVIII: conceptualização, representação e identificação de espaços

Ana Cristina Roque
Instituto de Investigação Científica Tropical
ana.roque@iict.p

Resumo

Para além das muitas questões técnicas e científicas inerentes à produção cartográfica e à possibilidade da cartografia reproduzir com maior ou menor precisão as regiões africanas, que a partir da viragem do século XV passaram a integrar a esfera do conhecimento europeu sobre a composição e organização geográfica de um mundo que até aí lhes era desconhecido, a cartografia portuguesa anterior ao século XVIII constitui um *corpus* documental único que permite não só a apresentação, o conhecimento e a caracterização dessas regiões, como uma melhor compreensão da forma como essas regiões eram percebidas e reproduzidas pelos europeus e como, muitas vezes, essa percepção não correspondia à realidade que as cartas reproduziam. Este desajustamento, mais visível nas cartas que tentam reproduzir os sertões do interior, está longe de corresponder a falta de informações ou de conhecimento real, efectivo, destas áreas e decorre, sobretudo, da aplicação de um modelo conceptual ocidental do espaço geográfico e político, estranho ao mundo africano, e que levará algum tempo a ser percebido e apreendido antes de poder ser representado, com algum rigor, do ponto de vista cartográfico. Daí que, para todo o período que decorre desde o início do século XVI até finais do século XVIII, se registre uma ausência de articulação e/ou correspondência entre as informações dadas por via das muitas descrições e relatos de viagens e missões empreendidas ao interior e a representação cartográfica das mesmas. Neste contexto, e fazendo uso de alguma da cartografia deste período disponível para a região centro de Moçambique, propomo-nos uma reflexão em torno da conceptualização, representação e identificação dos espaços africanos que nelas está patente, evidenciando em simultâneo as múltiplas leituras que estas cartas podem ter em função do que nelas se encontra representado.

Nota biográfica

Doutorada em História dos Descobrimentos e da Expansão (FCSH-UNL) e investigadora do Instituto de Investigação Científica Tropical. Desde 1995 trabalha sobre a História de Moçambique e da África Austral (séculos XVI-XIX), privilegiando uma abordagem multidisciplinar às questões do património histórico, das missões científicas, dos saberes e práticas tradicionais e das questões ambientais *versus* História. Presentemente coordena um projecto sobre as missões científicas portuguesas nas antigas colónias portuguesas (séculos XVIII-XX), com especial ênfase no processo de definição das fronteiras e dos conhecimentos científicos utilizados e produzidos durante este processo, nomeadamente em termos de representação cartográfica. É sócia da Sociedade de Geografia de Lisboa e membro da ICA: Working Group on the History of Colonial Cartography in the 19th and early 20th centuries, da African Borders Network Association, da Association for Borderland Studies (ABS) e da Comissão Internacional de História da Náutica.

A Coleção de atlas antigos da Área de Cartografia da Biblioteca Nacional (séculos XVI a XVIII)

André Ferrand de Almeida
Centro de Estudos Geográficos
andreferrand@gmail.com

Maria Joaquina Feijão
Biblioteca Nacional de Portugal
mfeijao@bnportugal.pt

Resumo

Durante o ano de 2008, no âmbito do projecto europeu DIGMAP, procedeu-se à correcção sistemática dos registos bibliográficos relativos à colecção de atlas da Área de Cartografia da BNP, dos séculos XVI a XIX, quase todos impressos, num total de cerca de 400. Estas correcções tiveram como objectivo dotar o catálogo da BNP de uma descrição bibliográfica, tão completa quanto possível, com especial ênfase para a atribuição de autorias, identificação precisa de edições e datas de publicação, fundamentando as opções tomadas, com referência à bibliografia de suporte (impressa ou disponibilizada em linha, designadamente, em catálogos de bibliotecas portuguesas e estrangeiras). A experiência deste trabalho de colaboração (realizado por um investigador da História da Cartografia, com orientação e apoio técnico da Área de Cartografia da BNP) teve a vantagem, entre outras, de evidenciar a importância da colecção. Pretendemos aqui divulgar o trabalho realizado, restringindo o universo ao período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, chamando a atenção para alguns atlas especialmente valiosos e para aqueles que são mais relevantes para a História da Cartografia em Portugal.

Notas biográficas

André Ferrand de Almeida é investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. É autor do livro *A Formação do Espaço Brasileiro e o Projecto do Novo Atlas da América Portuguesa, 1713-1748* (2001) e foi um dos coordenadores do volume *La cartografia europea tra primo Rinascimento e fine dell'Illuminismo* (2003). Colaborou nos projectos *A Cartografia Setecentista do Brasil nas Colecções da Biblioteca Nacional* (1998-2000) e *SIDCarta - Sistema de Informação para Documentação Cartográfica: o Espólio da Engenharia Militar Portuguesa* (2002-2005). Foi responsável pela revisão e correcção da catalogação da colecção de atlas antigos da Biblioteca Nacional, realizada em 2008 no âmbito do projecto DIGMAP.

Maria Joaquina Esteves Feijão é mestre em Ciências Documentais pela Universidade de Évora. A sua dissertação de mestrado foi distinguida com o Prémio Raul Proença 2007, atribuído pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. É responsável da Área de Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal, desde 1990. É membro do Grupo de Trabalho de Cartotecas Hispano-Lusas (IBERCARTO) e correspondente do Groupe des Carthothécaires da LIBER (Association of European Research Libraries). Foi responsável pela coordenação técnica dos projectos *Fontes Cartográficas Portuguesas dos Séculos XIX e XX: as instituições e os mapas* (1997-2000), *A Cartografia setecentista do Brasil nas colecções da Biblioteca Nacional* (1998-2000), *Biblioteca científica pessoal de Orlando Ribeiro* (2001-2007) e, enquanto membro da Biblioteca Nacional, pela coordenação de conteúdos no projecto europeu DIGMAP (2006-2008).

A convergência entre cartografia universal ocidental, namban e chinesa-coreana no Kyūshū (Japão) durante a presença portuguesa

Angelo Cattaneo

Centro de História de Além-Mar
ang.cattaneo@gmail.com

Alexandra Curvelo

Centro de História de Além-Mar
alexandra.curvelo@gmail.com

Resumo

Cerca de 1600, meio século após a chegada dos portugueses e de missionários jesuítas ao Japão, foi reunida em Kyūshū uma profícua recolha iconográfica ocidental, sobretudo de temática religiosa, juntamente com algumas obras fundamentais da cartografia europeia, como o *Theatrum orbis terrarum* (editio princeps Antuérpia 1570) e o primeiro volume do *Civitates orbis terrarum* (editio princeps Colónia 1572). No mesmo período, proveniente da missão jesuíta na China, surge pelo menos uma cópia xilogravada do “Kunyu wanguo quantu”, compilada em chinês (mandarim) pela autoria conjunta de Matteo Ricci SJ e vários literatos chineses. Paralelamente, nesses mesmos anos reuniram-se na zona do Kansai e de Kyūshū pelos menos duas cartas universais escritas em chinês, desenhadas na Coreia entre 1479-1568 a partir de fontes chinesas e persas. É importante chamar a atenção para o facto de a cópia mais recuada destas cartas, intitulada *Honil kangni yôktae kukto chi do*, ou seja, *Mapa completo das terras e das regiões dos países históricos e das [suas] capitais*, ser o mais antigo mapa desenhado na Ásia a incluir também a Europa, a África, a Península Arábica e a Pérsia. Isto significa, pois, que a ilha de Kyūshū e a zona de Kansai, durante a primeira Idade Moderna, foram o lugar do mundo em que, sobretudo devido à presença portuguesa e dos missionários jesuítas, as quatro principais culturas visuais mundiais de representação do espaço – a ocidental, representada no *Theatrum orbis terrarum* de Ortelio e na cartografia náutica portuguesa; a re-elaboração chinesa de Ricci; a re-elaboração *namban* japonesa (que re-trabalhou a tradição ocidental e a “ocidental-chinesa” de Ricci, mas também os conteúdos das *Kangnido*) e a sino-coreana das *Kangnido* (influenciada pela ciência islâmico-persa) – coexistiram no mesmo lugar. Trata-se de uma ocorrência histórica de enorme importância para a história da cultura, que merece ser aprofundada.

Notas biográficas

Angelo Cattaneo tem um doutoramento em História pelo Instituto Universitário Europeu em Florença e é investigador do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa. A sua investigação centra-se na cosmografia medieval e renascentista, e na literatura de viagens, com enfoque no seu papel de criação de redes globais de conhecimento. É o autor da obra *Mappa mundi 1457 (Biblioteca nazionale di Firenze, Port. 1). Analisi, trascrizione e commentario* (Rome, 2008). A sua dissertação encontra-se publicada com o título *Fra Mauro's Mappa mundi and Fifteenth-Century Venice* (Brepols, 2011).

Alexandra Curvelo tem um doutoramento em História da Arte, com uma tese sobre a *Arte Namban e a sua Circulação entre a Ásia e América: Japão, China e Nova Espanha (c.1550-c.1700)* (a publicar). Pertence à direcção do Centro de História de Além-Mar e é membro efectivo desta unidade de investigação. É também professor convidado do departamento de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa e trabalha no Museu Nacional do Azulejo de Lisboa. Tem diversos artigos, em português, inglês e espanhol, publicados em livros e revistas. A sua tese de mestrado (1996) incidiu na iconografia da Ásia nos mapas portugueses do Renascimento.

A introdução da projecção de Mercator, na náutica, em Portugal

António Costa Canas

Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia

costacanas@gmail.com

Resumo

Nesta comunicação estamos interessados em compreender a forma como foi introduzida a projecção de Mercator na náutica portuguesa. O nosso principal objectivo é perceber até que ponto esse processo foi diferente da realidade das grandes potências marítimas da época. Considera-se, normalmente, que a partir de finais do século XVI ocorreu um processo de decadência da náutica portuguesa. Os defensores dessa tese argumentam que a decadência se fez notar na introdução das novidades científicas. E a projecção de Mercator era uma das mais importantes novidades científicas da época. Dividiremos a nossa análise em quatro grandes partes. Numa primeira, tentaremos perceber de que modo a informação sobre a projecção se difundiu em Portugal. Na segunda procuraremos esclarecer a forma como se resolveram, na náutica, as limitações da carta quadrada. De seguida analisaremos o modo como a projecção de Mercator se foi introduzindo na náutica das grandes potências europeias da época. Finalmente, estudaremos a sua introdução em Portugal.

Nota biográfica

Oficial da Marinha, prestando actualmente serviço no Museu de Marinha. Licenciado pela Escola Naval, em 1990, em Ciências Militares Navais, Ramo de Marinha. Licenciado em História, em 1998, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, em 2005, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pós-graduação em História e Filosofia das Ciências, em 2006, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Doutorando em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, do Centro de Investigação Naval, da Academia de Marinha e sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa.

‘Cartografía corsaria’ en la crisis hispano-portuguesa de 1640

Antonio Sánchez Martínez
Universidad Autónoma de Madrid
antosanmar@gmail.com

Resumo

El objetivo de esta comunicación es presentar un atlas náutico manuscrito del siglo XVII sobre las costas de Portugal realizado en el contexto de la crisis hispano-portuguesa de 1640. Este manuscrito titulado *Descripción de las costas de Portugal desde Galicia a Ayamonte* se encuentra hoy en la Biblioteca Nacional de España. Su autor fue Antonio da Cunha e Andrada, un almirante portugués que trabajaba para el rey Felipe IV de España. Este atlas náutico, fechado en 1641, contiene trece mapas del litoral portugués. Mi propósito aquí es dar a conocer y ofrecer una interpretación sobre este nuevo material que se inserta dentro de la historia de la cartografía de la Península Ibérica. El manuscrito de Andrada es una descripción de las condiciones físicas y comerciales de Portugal centrada en sus ríos y puertos más importantes, desde Caminha hasta las costas de Ayamonte. Este documento tenía como finalidad que el pueblo portugués reconociera a Felipe IV como rey de Portugal. En esta presentación defiendo la hipótesis de que este es un ‘atlas corsario’ porque las intenciones de Andrada de bloquear la economía y el comercio portugueses desde la costa no deja lugar a dudas. Los mapas de Andrada tenían la intención de hacer la Guerra marítima contra su propio país en términos comerciales. En otras palabras, la Descripción de Andrada fue una guía para llevar a cabo una campaña de bloqueo marítimo sobre el comercio portugués y un instrumento militar que seguía las reglas de la guerra corsaria. Su naturaleza corsaria y sus intenciones de bloquear el reino de Portugal comercial y económicamente sugieren que este tratado podría ser una solicitud para obtener una patente de corso. La petición de este documento junto con la provisión de una descripción cartográfica de la dependencia que la economía portuguesa tenía de sus puertos de mar hace del texto un manuscrito original con respecto a otros atlas ibéricos del siglo XVII.

Nota biográfica

Antonio Sánchez (doctor en filosofía por la Universidad Autónoma de Madrid) es un investigador posdoctoral en la Universidad Carlos III de Madrid, pero en breve pasará a formar parte del *Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia* de la Universidad de Lisboa. Su trabajo se centra en la cosmografía ibérica del mundo moderno unido a la expansión en general y a las formas de representación cartográfica en el siglo XVI español y portugués en particular.

O descobrimento do Brasil em 1498: a leitura dos documentos escritos através dos mapas

Francisco Contente Domingues

Centro de História, Universidade de Lisboa

fcdomingues@mac.com

Resumo

A revelação da existência do *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira, publicado pela primeira vez em 1892, colocou os historiadores perante uma perplexidade que atravessou as décadas seguintes, e foi discutida até à exaustão: que sentido dar à frase constante do Livro II do I Livro que parecia testemunhar inequivocamente o descobrimento do Brasil em 1498 pelo autor do *Esmeraldo*? Ao invés de continuar a discussão que se arrasta inconclusivamente, pretende-se mostrar como o sentido óbvio da frase se percebe em face de um mapa coevo, mas só assim.

Nota biográfica

Francisco Contente Domingues é Professor Associado com Agregação do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, investigador do Centro de História da FLUL e investigador associado do CHAM. É ainda Presidente da Comissão Internacional de História da Náutica e Vice-Presidente da Academia de Marinha

O estudo dos mapas antigos: entre razão do texto e razão de Estado

Francisco Roque de Oliveira
Centro de Estudos Geográficos
franciscoroliveira@mail.telepac.pt

Resumo

Esta comunicação tratará de inventariar o resultado de uma década de investigações sobre temas de cartografia antiga. Evitando conscientemente tratar o mapa como mero artefacto e estudá-lo em função de escolas nacionais, o sentido desta investigação tem assentado num conjunto de preocupações que sintetizaremos assim: (1) apreensão do significado do exercício cartográfico no âmbito do conjunto documental que o gerou ou no qual o seu conteúdo foi parcial ou integralmente ajustado; (2) a circulação dos modelos cartográficos, a reconstituição da genealogia dos desenhos e a sobreposição entre cânones ocidentais e orientais de cartografia; (3) leitura do papel que o mapa desempenha nos processos de territorialização. Ilustraremos este percurso com três investigações concluídas, referentes a tempos, espaços e escalas muito diversos: (1) a utilização da cartografia impressa para a construção ficcional das representações europeias da China no início do século XVII; (2) o hibridismo entre formas europeias e chinesas de representação manifestado na cartografia urbana de Macau dos séculos XVII e XIX; (3) a investigação sobre a “cartografia dirigida” que Jaime Cortesão realizou para compor a História do Brasil nos velhos mapas (Rio de Janeiro, 1957).

Nota biográfica

Francisco Roque de Oliveira é doutorado em Geografia Humana pela *Universitat Autònoma de Barcelona* (2003). É Professor Auxiliar do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (UL), prestando também colaboração docente nas Licenciaturas em Estudos Asiáticos e Estudos Africanos da Faculdade de Letras da UL. É Investigador Integrado do Centro de Estudos Geográficos da UL e Investigador Associado do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores. As suas publicações mais recentes são dedicadas a temas de cartografia histórica, urbanismo colonial português, história do pensamento geográfico (casos de Portugal e Brasil) e bibliografia histórico-geográfica europeia sobre Macau e a China Ming.

Acerca da Historiografia da Cartografia Portuguesa Antiga (1841 - 2010)

Inácio Guerreiro

Instituto de Investigação Científica Tropical
inaciojguerreiro@gmail.com

Nota biográfica

É investigador principal jubilado do Instituto de Investigação Científica Tropical, de Lisboa. Iniciou funções no quadro de investigação da Universidade de Lourenço Marques, onde, após a independência de Moçambique, foi encarregado da leccionação das cadeiras de História de África e História de Moçambique. Regressado a Portugal, ingressou no quadro de investigadores do Instituto de Investigação Científica Tropical, onde também exerceu funções no cargo de Vice-Presidente, durante 12 anos. Cumpriu, durante 3 anos, uma comissão de serviço no cargo de Subdirector do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Participou em numerosos congressos, seminários, colóquios e outras reuniões internacionais, tendo integrado comissões organizadoras e científicas de alguns desses encontros. É membro da Academia Portuguesa da História, sócio emérito da Academia da Marinha de Lisboa e sócio correspondente dos Institutos Histórico-Geográficos brasileiros de Santa Catarina, em Florianópolis, e de Mato Grosso do Norte, em Cuiabá. Integrou por 10 anos o *Board of Directors da Imago Mundi*, órgão da Sociedade Internacional de História da Cartografia e foi editor correspondente em Portugal da mesma Revista. Foi Presidente da Comissão Internacional de História da Náutica e da Hidrografia, de 2000 a 2004. Os seus trabalhos publicados incidem na área da história dos descobrimentos e da expansão portuguesa, nomeadamente no âmbito da história da cartografia, da vida a bordo, e da história indo-portuguesa. Foi agraciado pela Armada Brasileira com as medalhas de Mérito Naval e de Mérito de Tamandaré.

A Edição do Atlas Universal de 1571, de Fernão Vaz Dourado

João Carlos Garcia

Centro de Estudos Geográficos

garciajcs@hotmail.com

Resumo

Decorre actualmente o projecto da edição fac-similada do Atlas Universal de 1571, de Fernão Vaz Dourado, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A equipa constituída para o estudo da obra compreende investigadores da História, da Geografia, da História de Arte, da Química e da Conservação e Restauro. Pretendem-se obter, deste modo, diferentes mas complementares leituras sobre um autor e um atlas manuscrito muito divulgados mas pouco analisados criticamente, no âmbito da nova História da Cartografia. Do trabalho ainda em curso, destacamos a procura de novos aspectos biográficos sobre Vaz Dourado, o enquadramento do Atlas entre os seus congéneres, o comentário geográfico e iconográfico sobre cada um dos mapas, a análise física das tintas e do suporte utilizados, o percurso do códice enquanto objecto de divulgação de conhecimento, mas também de coleccionismo e de património cultural.

Nota biográfica

João Carlos Garcia é licenciado em Geografia pela Universidade de Lisboa (1981), Doutor em Geografia Humana pela Universidade do Porto (1996), Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Áreas de investigação: História da Cartografia, História da Geografia e Geografia Histórica.

Proposta cartográfica de Pedro Nunes em 1566

João Filipe Queiró

Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra

jfqueiro@mat.uc.pt

Resumo

Uma questão que tem interessado os historiadores da náutica é a de saber em que medida Pedro Nunes precedeu – se não mesmo influenciou – Mercator na concepção da sua carta de "latitudes crescidas". A análise é em geral feita a partir dos dois tratados sobre náutica incluídos no Tratado da Sphera de 1537, o "Tratado sobre certas dúvidas da navegação" e o "Tratado em defensam da carta de marear". Estes tratados aparecem em versão latina nas "Petri Nonii Salaciensis Opera" publicadas em 1566 em Basileia, mas não se trata de simples traduções, sobretudo no segundo caso, em que se tem obra muito mais extensa e desenvolvida. A intenção desta breve comunicação é revisitar a questão histórica referida no início à luz do texto noniano de 1566, agora de acesso facilitado com a publicação do Volume IV das "Obras" de Pedro Nunes.

Nota biográfica

João Filipe Queiró é professor catedrático do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Para além da sua actividade de investigação em Matemática tem-se interessado por questões de política universitária e educativa e também por assuntos da História da Matemática em Portugal. É membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Pertence à Comissão Científica encarregada da publicação das "Obras" de Pedro Nunes.

O uso de métodos quantitativos no estudo de cartas antigas

Joaquim Alves Gaspar

Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia

jfgaspar@fc.ul.pt

Resumo

Uma das componentes mais importantes das cartas náuticas antigas é o seu conteúdo quantitativo, aqui entendido como o conjunto das propriedades métricas que as caracterizam e relacionam com os métodos utilizados para as produzir. Tratando-se de instrumentos destinados a apoiar a navegação no mar, a sua plena interpretação terá forçosamente de passar pelo estudo dessa componente, à luz do que se conhece sobre as técnicas de navegação e cartografia da época em que foram construídas. Paradoxalmente, tal abordagem tem uma expressão modesta no vasto conjunto da bibliografia produzida sobre a história da cartografia náutica, tanto a nível nacional como mundial. Esta carência é explicada pela dificuldade colocada pela natureza multidisciplinar de tal estudo, o qual envolve a História, a Ciência Náutica e a Cartografia Matemática. Com frequência, a incapacidade de reconhecer a importância, ou de lidar adequadamente, com uma ou outra destas facetas tem levado a interpretações incorrectas, por vezes até ridículas, sobre a geometria das cartas antigas. É o caso da popular teoria da carta quadrada, segundo a qual as cartas produzidas pelos portugueses a partir do século XV se baseavam nos princípios da projecção cilíndrica equidistante. Nesta comunicação é proposta uma metodologia de análise geométrica sistemática aplicável ao estudo das cartas náuticas anteriores à projecção de Mercator, com o objectivo de contribuir para uma melhor compreensão sobre as suas características e métodos de construção. Tal metodologia envolve a aplicação de uma série de técnicas cartométricas que inclui: a georreferenciação; a análise das escalas de distância e de latitude; a estimação da sua exactidão, através da comparação de latitudes, rumos e distâncias medidos sobre as cartas com os correspondentes valores exactos, sob o efeito da declinação magnética; e a identificação das rotas subjacentes à construção das cartas. A variedade e riqueza das conclusões alcançadas através desta metodologia na análise das cinco cartas portuguesas mais antigas confirmam de forma eloquente a sua utilidade e eficácia.

Nota biográfica

Joaquim Alves Gaspar é Oficial da Armada (reformado), especialista em navegação marítima, *Master of Science* em Oceanografia Física, engenheiro-hidrografo e Doutor em Gestão da Informação – Sistemas de Informação Geográfica, pela Universidade Nova de Lisboa. Completou recentemente o seu doutoramento com uma tese dedicada à análise métrica de cartas náuticas antigas, intitulada *From the Portolan Chart of the Mediterranean to the Latitude Chart of the Atlantic: Cartometric Analysis and Modeling*. Foi professor da Escola Naval e do ISEGI – Universidade Nova de Lisboa, e é actualmente investigador no CIUHCT, onde trabalha num projecto de pós-doutoramento. Publicou dois livros destinados ao ensino universitário da Cartografia e vários artigos em revistas internacionais.

A Cartografia náutica portuguesa. Sugestões para o seu estudo futuro

José Manuel Malhão Pereira

Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia
madrugadaiv@gmail.com

Resumo

A Cartografia Náutica Portuguesa tem sido estudada por eminentes figuras nacionais, tendo-se produzido trabalhos muito valiosos que abrangeram essencialmente os períodos correspondentes aos séculos XVI e XVII. Contudo, os séculos mais recentes não mereceram ainda a devida atenção dos historiadores da náutica. Nestas condições, e dado que durante o estudo que temos feito da história das navegações portuguesas, área do nosso especial interesse, nos temos deparado com cartografia portuguesa mais recente e ainda não estudada pelos especialistas, propomo-nos dar sugestões específicas para o seu estudo. Acontece também que o estudo comparado que temos feito da náutica nacional com a de outros povos marítimos tem mostrado uma importante troca de informação entre os navegantes de todas as áreas do globo. Nestas condições, propomo-nos também sugerir a investigação mais profunda de todas as eventuais influências recíprocas.

Nota biográfica

Oficial da Armada, Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, membro da Academia de Marinha e do Centro de História das Ciências da Universidade de Lisboa, entre outras associações. Interessa-se pelo estudo da história náutica portuguesa e dos outros povos marítimos, tendo publicado sobre o assunto em várias instituições nacionais e estrangeiras. Tem participado activamente em Conferências, Seminários e eventos afins, de carácter científico, tanto em Portugal como no Estrangeiro.

Roteiros e cartas: instrumentos complementares de estudo

Luís Jorge Semedo de Matos

Escola Naval

jorge@traquete.net

Resumo

A roteirística portuguesa do século XVI e XVII revela-nos os caminhos do mar percorridos pelos navios de então, sendo certo que era complementada em múltiplos aspectos pelos esboços de padrões ou por cartas náuticas de menor escala que permitiam uma visão global do espaço e das dificuldades próprias de cada viagem. A cartografia de então revela, portanto, a forma como evoluiu o saber sobre as rotas, como se foram desenhando na mente dos sujeitos da aventura ultramarina os espaços dos continentes, das ilhas, dos estreitos, dos baixos e de muitos outros acidentes que vêm referenciados. Tentarei apresentar alguns exemplos de como a cartografia pode ser um estudo complementar da roteirística, concorrendo para o desvendar do que foram os caminhos do mar. Tratarei, essencialmente, dos espaços do Extremo Oriente, desde o Estreito de Malaca, os mares do chamado Arquipélago, o Mar da China e o Japão.

Nota biográfica

1. Oficial da Marinha Portuguesa.
2. Professor efectivo da Escola Naval e membro do Centro de Investigação Naval (CINAV).
3. Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestre em História dos Descobrimentos pela mesma Faculdade, com a tese *Roteiros Portugueses do Extremo Oriente: sua origem e evolução no século XVI*.
4. Integra a Comissão Internacional de História da Náutica, de que foi Secretário entre os anos 2000 e 2008, e pertence a diversas Comissões Científicas de instituições cujo objectivo é o estudo da História Militar, História Naval e Marítima e História da Ciência, na vertente em que esta se dedica à Náutica e à Navegação.
5. Sobre estes temas apresentou comunicações em fóruns científicos, publicando artigos e estudos em revistas e obras colectivas de diversa ordem.
6. Neste momento, frequenta um programa de doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Cartografia, geografia e poder: as imagens cartográficas de Portugal na segunda metade do século XVIII

Luís Miguel Moreira

Centro de Estudos Geográficos

Immgeo@gmail.com

Resumo

No decorrer do século XVIII, a Coroa Portuguesa procurou consolidar a centralização do Poder. Para o efeito, levou a cabo uma série de reformas científicas, políticas, militares, económicas e administrativas, que também deveriam promover o fomento nacional. Contudo, cedo se compreendeu que não havia em Portugal uma produção cartográfica capaz de apoiar estes intentos. Assim, à semelhança de outros países europeus, também Portugal abraçou o projecto de construção de um mapa científico de todo o seu território continental. Os primeiros esforços foram desenvolvidos a partir de 1720 pelo Engenheiro Mor do Reino Manuel de Azevedo Fortes, sob patrocínio da Academia Real da História Portuguesa. No entanto, os trabalhos não produziram os resultados pretendidos, pelo que, este projecto ficaria suspenso até à última década do século, altura em que se iniciaram os trabalhos geodésicos com o intuito de se compor a Carta Geográfica do Reino, que, face ao contexto político do final do Antigo Regime, só seria concluída na segunda metade do século XIX. Face à inexistência de um bom mapa de Portugal, as autoridades portuguesas procuraram outras alternativas para suprir a sua necessidade cartográfica e, para tal, recorreu ao serviço de geógrafos, impressores, gravadores/editores ou outros técnicos estrangeiros. Com efeito, foram inúmeros os mapas de Portugal publicados no estrangeiro mas de ampla utilização entre nós como “cartografia oficial”. Entre todos, merece-nos destaque os trabalhos de Thomas Jefferys (1762), de Tomás Lopez (1778) e de William Faden (1797). A sua análise permitirá, por um lado, fazer uma leitura geo-histórica de Portugal ao longo de toda a segunda metade do século XVIII e, por outro, reconstituir o processo de construção da imagem cartográfica de Portugal por autores estrangeiros. Desta forma tentaremos perceber de que forma a cartografia de Portugal produzida no estrangeiro era aceite e lida pelos portugueses.

Nota biográfica

Professor de Geografia do ensino secundário, mestre em História das Populações pela Universidade do Minho, actualmente prepara a tese de doutoramento em Geografia Humana, também pela Universidade do Minho. Integrou o projecto SIDCarta - Sistema de Informação para Documentação Cartográfica: o Espólio da Engenharia Militar Portuguesa, e tem apresentado comunicações sobre temas subordinados à História da Cartografia Portuguesa, particularmente dos séculos XVII e XVIII, em diversas reuniões científicas nacionais e internacionais.

A História da Cartografia no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, 2000-2010

Maria Fernanda Alegria

Centro de Estudos Geográficos

mfalegria@netcabo.pt

Resumo

A autora propõe-se apresentar os textos editados, entre 2000-2010, pelos oito investigadores que no Centro de Estudos Geográficos se dedicam a essa área científica. Reunido o material, com apoio dos próprios investigadores, ele é listado e classificado segundo critérios bem definidos. Depois apresentam-se os quase 100 textos reunidos através de diferentes abordagens: autores, temas, datas e locais de edição. Por fim faz-se um balanço sobre a evolução recente dos estudos de História da Cartografia feitos pelos geógrafos, suas virtudes e debilidades.

Nota biográfica

Maria Fernanda Alegria é licenciada em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1972) e doutorada em Geografia Humana pela mesma Universidade (1987). É membro do Centro de Estudos Geográficos desde o início da década de 1970, tendo pertencido a diversos grupos de investigação. Leccionou na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova como Professora auxiliar (1987-1998) e como professora associada (1998-2006). Os seus principais campos de trabalho foram o ensino da Geografia, a História da Geografia e da Cartografia.

A Cartografia setecentista da fronteira de Mato Grosso com a América Espanhola

Mário Clemente Ferreira
Centro de História de Além-Mar
marioferreira@clix.pt

Resumo

No âmbito de uma tese de doutoramento que nos encontramos a preparar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa sobre o processo de construção da fronteira entre a Capitania de Mato Grosso e a América espanhola ao longo do século XVIII, a análise da representação cartográfica desse território assume-se como um dos núcleos fundamentais daquele estudo. Assim, encontra-se em elaboração um inventário de toda a produção cartográfica setecentista, mas também iconográfica, relativas àquele espaço. Mas, para além de se procurar conhecer de forma exaustiva toda essa produção, o estabelecimento de períodos e de tipologias da cartografia produzida ao longo daquele vasto período, a identificação dos autores dos mapas, a contextualização da sua produção, as finalidades a que se destinavam, a identificação das cópias produzidas, os recursos humanos, técnicos e materiais envolvidos, a sua utilização política e a sua circulação, são igualmente objectos de análise. Com esta apresentação pretende-se divulgar o trabalho já efectuado, apresentando os principais avanços e resultados até agora obtidos.

Nota biográfica

Mário Clemente Ferreira é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1990) e mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1999). Encontra-se a preparar nesta faculdade a tese de doutoramento em História sobre a construção da fronteira em Mato Grosso no século XVIII. É autor do livro *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional* editado em 2001 pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Tem participado em diversos encontros científicos em Portugal e no Brasil e publicado diversos artigos. Dedicou-se ao estudo da colonização do Brasil, sobretudo no século XVIII, e à história da cartografia deste território. É investigador do Centro de História de Além-Mar, da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Reflexões a propósito da reconstituição de um mapa corográfico de Portugal do começo de Quinhentos.

Suzanne Daveau

Centro de Estudos Geográficos

sdaveau@clix.pt

Resumo

A partir da lista toponímica e locativa de 1531 lugares de Portugal, contida num pequeno manuscrito ricamente iluminado, conservado na *Staats-und Universitätsbibliothek* de Hamburgo, foi possível reconstituir os traços principais do mapa corográfico que lhe serviu de base. A marca de posse que abre o manuscrito sugere que este mapa foi oferecido, em 1526, ao Cardeal Infante D. Afonso, quando lhe impuseram o barrete cardinalício. Vários factos concordantes parecem designar o matemático D. Francisco de Melo, como o promotor do empreendimento cartográfico. A análise da repartição espacial, desigualmente exacta, dos diversos topónimos, em função da sua longitude e latitude, permite enunciar algumas hipóteses sobre as fontes e as técnicas que foram usadas na construção do mapa. Verifica-se que os erros são maiores na faixa litoral do que na parte oriental do país e que eles crescem de sul para norte. De modo que foi o litoral noroeste que sofreu a maior deformação. A comparação com as listas de latitudes contidas no *Esmeraldo de Situ Orbis*, de D. Pacheco Pereira, e noutros roteiros e mapas náuticos, confirma que as poucas determinações de coordenadas usadas na construção deste mapa, terão tido origem astrológica e não marítima. O essencial dos dados contidos no códice parece resultar da compilação de numerosos itinerários terrestres. O grande eixo viário, ligando Tavira a Valença por Abrantes e Coimbra, terá formado o eixo longitudinal do mapa. Além disso, rios e serras terão sido objectos de cuidadosos levantamentos de campo, ainda que a sua presença no códice seja apenas residual. Quanto à posição central e destacada dada a Tomar no mapa, ela parece traduzir o significado espiritual da sua charola, transposição em Portugal do templo de Jerusalém, centro religioso do Mundo e da sua figuração cartográfica tradicional.

Nota biográfica

Suzanne Daveau doutorou-se em Paris, em 1957, com uma tese sobre o papel geográfico da fronteira franco-suíça. Trabalhou depois sobretudo na África ocidental, ensinando na Universidade de Dakar (Senegal). Vive em Portugal desde 1965. No quadro do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, desenvolveu investigações em Climatologia, Geomorfologia, Geografia Regional e Geografia Histórica. Ensinou e dirigiu doutorandos em diversas Universidades portuguesas. Há mais de dez anos que se dedica principalmente tanto ao estudo da História da Cartografia terrestre de Portugal como à organização do Legado Científico do seu marido, Orlando Ribeiro. É doutora *honoris causa* pelas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa, de Coimbra e do Porto.

Da cartografia da Pérsia à metageografia da Ásia: novas oportunidades de trabalho para quem não entende a loxodrómia

Zoltán Biedermann

Birkbeck College – University of London

zoltanbiedermann@yahoo.com

Resumo

Esta apresentação tem como ponto de partida um pequeno trabalho actualmente em fase de conclusão sobre a cartografia da Pérsia e as representações do espaço nos Comentários de Don García de Silva y Figueroa. Gostaríamos de trazer à discussão dois assuntos relacionados com este importante viajante e embaixador de Filipe III à Índia e à Pérsia. Primeiro, apresentaremos um mapa português conhecido de todos nós, mas mal identificado por Armando Cortesão em 1935, e novamente em 1960. Este mapa, de aparências um tanto precárias do ponto de vista técnico, poderá (ou não) constituir um raro testemunho de uma tradição portuguesa de cartografias territoriais da Ásia. Importará discutir as relações de tal cartografia (se é que alguma vez assumiu um papel significativo) com a lógica dominante das cartas marinhas. Segundo, falaremos da relação entre texto e imagem no quadro epistemológico de Figueroa, reflectindo sobre as estratégias textuais usadas para descrever espaços dentro e fora do âmbito imperial português. Tornar-se-á assim possível, esperamos, abrir a discussão para uma série de outras questões: como se relacionam textos e mapas nas representações ibéricas dos espaços da Ásia ao longo dos séculos XVI e XVII? Quais são os significados políticos e culturais de tais relações? Qual é a importância do estudo destes fenómenos para um entendimento do quadro mais vasto das construções ocidentais do espaço asiático na época moderna? Com a última parte do título, remetemos para uma questão de âmbito mais geral, tocante à nossa identidade enquanto investigadores: que história podemos escrever com base em mapas quando nos faltam os conhecimentos técnicos necessários ao entendimento do seu fabrico?

Nota biográfica

Zoltán Biedermann lecciona no Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-americanos do Birkbeck College, Universidade de Londres. Doutorou-se na Universidade Nova de Lisboa e na École Pratique des Hautes Études, com uma tese intitulada “A aprendizagem de Ceilão: sentidos da presença portuguesa em Ceilão entre domínio marítimo e territorial, 1506-1598” (2006). É investigador do Centro de História de além-Mar desde 1999, membro do American Institute for Sri Lankan Studies e co-editor da série “Maritime Asia” na editora Harrassowitz. Foi coordenador do projecto “Atlas historique du golfe Persique” (2003-06), e interessa-se pela cartografia, especialmente em ligação com outras problemáticas da representação do espaço.